

3DADES1 - OK

CADERNOS DO II.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

Nº 3 JULHO 1990

HOFMANN, Hedy Lorraine

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A  
INTERPRETAÇÃO DE CONFERÊNCIAS

-----  
Profª Assistente do Departamento de Línguas Modernas  
(IL - UFRGS)  
Tradutor Intérprete do IPH - UFRGS

BIBLIOTECA SETORIAL DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS e HUMANIDADES

Quando eu era criança e lia romances históricos sobre as Cruzadas e o Oriente romântico, encontrava sempre a palavra "drogomano". Pensava fosse algum tipo de soldado, pelo menos nessa a idéia que o termo evocava em mim. Qual não foi minha surpresa, estudando a teoria da profissão que eu já praticava há 8 anos, ao descobrir que drogomano é um intérprete consular, ou guia, em países onde se fala árabe, turco ou persa...

Desde a Antiguidade, o intérprete desempenha o papel de intermediário em contatos.

Existem intérpretes que tomam partido e intérpretes neutros. Aqueles, quando trabalham para uma companhia ou governo defendem os melhores interesses do seu empregador. Os intérpretes "free-lance", no entanto, ou aqueles que trabalham em organizações internacionais, teoricamente devem cumprir o seu trabalho da melhor forma para todos os envolvidos. Às vezes isto é muito difícil de conciliar, já que a pessoa se interessa mais por um lado do que por outro, sendo que isto faz parte até dos mecanismos de análise que permitem compreender o que se está interpretando. Contudo, é um ponto de honra que, por mais que se tenha uma opinião, a palavra emitida seja rigorosamente respeitada.

transmitir o ponto de vista do intermediário-intérprete que, de outro modo, perderia a sua utilidade.

Em certa ocasião foi necessário interpretar uma discussão acirrada entre dois pontos de vista diametralmente opostos, dos quais eu, por motivos altamente pessoais, não tinha a mínima dúvida do lado pelo qual "torcia". Mantive-me, porém, firme, na atitude de que não era eu um dos interlocutores, que cada lado tinha direito ao seu próprio ponto de vista e o público tinha o direito de ouvir a fiel reprodução de cada opinião. E acredito que consegui manter a neutralidade na sala, num assunto que me tocava profundamente.

Além da neutralidade, manda a ética que não sejam revelados a terceiros informações ou comentários confidenciais, cujos vícios decorrem do trabalho. A vida do intérprete já é difícil porque quando um interlocutor emite uma opinião que é posteriormente criticada, ou da qual se arrepende, tem sempre a tentação fácil de alegar que foi erro do intérprete, ou culpá-lo pelo vazamento de notícias. Por outro lado, quando a interpretação é bem feita, ninguém comenta, mas basta um erro para aparecer em todos os jornais.

A profissão de intérprete de conferências, conforme atualmente conhecida, teve sua origem na Primeira Guerra Mundial. Antes dessa época houvera sempre uma língua de uso internacional por pessoas de alto nível. Durante longo tempo foi o Latim e, depois, o Francês. Na Primeira Guerra Mundial, porém, pela primeira vez, altos escalões entre civis e militares nem sempre provinham das classes sociais mais elevadas e, portanto, não haviam usufruído de uma formação cultural dirigida para o conhecimento de línguas clássicas ou estrangeiras modernas.

Como diz o nome, também, esta foi a primeira guerra global, na qual o progresso nos sistemas de comunicação influenciou o curso dos acontecimentos. Para contatos entre os franceses,

ingleses, russos e alemães tornou-se necessário convocar jovens oficiais que soubessem diversas línguas a fim de auxiliarem nas reuniões. Muitos deles tinham formação humanística.

Com o tempo e a prática, estes jovens oficiais, que interpretavam de forma intermitente (oração por oração, frase por frase, o que é erroneamente denominado por leigos, de interpretação consecutiva), desenvolveram um sistema de anotação que permitia que ouvissem calados por 5, 10 ou mais minutos, e reproduzisse corretamente, na íntegra, o que fora dito em outra língua. Esta técnica é que passou a ser denominada interpretação consecutiva.

O término da Primeira Guerra Mundial não significou o fim da necessidade de intérpretes. Foram estabelecidas diversas organizações internacionais, inclusive a Liga das Nações. Algumas das pessoas que haviam sido convocadas para este ofício seguiram na profissão. Entre elas estava Jean Herbert, que posteriormente escreveu o Manual do Intérprete.

Na sua atribuição inicial o intérprete era figura de destaque nas reuniões. Ficava sentado na frente ou próximo aos principais participantes de uma reunião e, a seguir, tomava a palavra, falando por período quase igual ao dos interlocutores.

Como as reuniões passassem a contar com participantes de 3 ou 4 línguas, a interpretação consecutiva tornou-se excessivamente onerosa e desgastante em termos de tempo. Por exemplo, em uma reunião com Inglês, Francês e Russo, uma intervenção em Inglês durando 15 minutos, corresponderia a 10 minutos de tradução em Francês e mais 10 minutos em Russo. Às vezes nem sequer era questão de não compreender, e, sim, de orgulho nacional ou de ganhar tempo para pensar na resposta. Porém, em reuniões internacionais de sindicatos, que se tornaram mais comuns, de fato eram raros os líderes operários que conheciam uma segunda língua de importância internacional.

Nessa época, a eletrônica começou a progredir, e foram feitas as primeiras tentativas de criar um sistema de interpretação que pudesse ser realizada durante a própria fala do interlocutor, ou seja, a interpretação simultânea. Com isto, os 15 minutos representariam efetivamente 16 minutos e não 35, e seria possível uma discussão mais compacta e dinâmica. Foi desenvolvido, por exemplo, o Hushaphone, em que o intérprete se sentava junto ao palco e traduzia o discurso em voz baixa, através de um sistema de cabos, para um número limitado de ouvintes. Seria realmente algo comparável à interpretação sussurrada atual, quando há apenas um ou dois estrangeiros presentes a uma discussão, que não desejam intervir mas querem saber o que está acontecendo e pronunciar-se de vez em quando. O tipo de equipamento desenvolvido naquela época ressurgiu há poucos anos, sendo utilizado para pequenas reuniões na Casa Branca. Também é visto algo semelhante no filme da BBC, "Wynne e Penkovskky", nas cenas de um julgamento em Moscou em 1963.

A Segunda Guerra Mundial interrompeu temporariamente a evolução dos sistemas eletrônicos. Porém, em 1946, foi empregado um sistema do tipo hoje conhecido, no Julgamento de Nuremberg onde juizes, réus e testemunhas formavam uma "Babel" moderna, e a interpretação consecutiva teria inviabilizado um processo justo. Além disso, neste período foi fundada a sucessora da Liga das Nações, a Organização das Nações Unidas.

A guerra também voltou a mostrar o surgimento de intérpretes e tradutores como fruto de uma época de crises. Pessoas criadas em ambientes internacionais, refugiados, imigrantes empobrecidos, ou militares com formação totalmente diversa daquela que seria específica para interpretação (embora já existisse há algum tempo na Alemanha o Instituto de Intérpretes de Heidelberg), todos improvisados por força das circunstâncias, por falta de pessoal disponível, ou até mesmo como recurso de sobrevivência, passaram a exercer esta atividade. Muitos descobriram, depois que a situação voltou ao normal, que além de uma boa fonte de renda, haviam descoberto a sua verdadeira voca-

ção.

O desenvolvimento da eletrônica também levou os intérpretes àquilo que alguns deles, acostumados a brilhar quase em primeiro plano, consideraram um ignóbil degredo: o trabalho em cabine, fora da visão direta (e da admiração) do público. Para outros, a cabine e o trabalho instantâneo devem ter funcionado como um alívio, a libertação da necessidade de longas anotações e do armazenamento de informações. Este sistema tornou-se uma verdadeira arte, a ser aprendida inicialmente até hoje por qualquer pretendente sério à profissão de intérprete de conferências. Baseia-se, geralmente, nos 7 princípios de Rozan, dos quais o mais importante é anotar as idéias e não as palavras. Existem vários sistemas, alguns mais detalhados do que outros, mas, além do aspecto mais importante acima citado, o importante é que não deve ser anotado muito, porém devem ser incluídos números e nomes, já que esses são fugazes na memória.

Além da ONU, foi a Comunidade Econômica Européia que projetou os intérpretes no cenário mundial. A tendência tem sido para o uso crescente da interpretação simultânea a nível internacional, e também em congressos e reuniões de natureza científica, embora sempre se diga que a língua comum dos cientistas seja o Inglês. Existem atualmente equipamentos fixos e equipamentos pequenos, portáteis, que podem ser instalados em poucos minutos em qualquer lugar, embora o mesmo progresso que permitiu estes aparelhos, também tenha feito aumentar as interferências e as influências eletrônicas que incomodam os intérpretes, na forma de faixas do cidadão (PX), rádios FM e bipes que dificultam a audição.

No Brasil têm havido duas tendências. Se, por um lado, aumentou a procura de intérpretes profissionais e a quantidade de equipamento de interpretação simultânea disponível no mercado, por outro aumentou o aproveitamento de intérpretes consecutivos, devido ao alto preço do aluguel de equipamento. Também, embora a contratação de uma dupla de intérpretes de confe-

rências de alto nível, conforme manda o figurino, não esteja ao alcance de qualquer um, parece bem mais fácil improvisar-se alguém que trabalhe de maneira intermitente. Frequentemente, trata-se de um principiante ou de um membro do grupo profissional que está promovendo o encontro.

Este último tipo de intérprete improvisado representa um perigo que não é óbvio à primeira vista. Embora muitos profissionais de áreas tecnológicas se surpreendam com a idéia de que uma pessoa qualquer, que não tenha passado 5 ou mais anos estudando e se aperfeiçoando naquele campo, consiga entender os fundamentos do mesmo, após poucas horas de estudo, o contrário é que vale. A pessoa especializada numa área normalmente tem interesse específico por algum aspecto da mesma, e tende a acentuar ou "interpretar" segundo a sua inclinação pessoal, podendo chegar ao ponto de colocar as suas próprias idéias na boca do palestrante, abertamente ou não, levado pelo entusiasmo, abandonando a posição de estrita neutralidade exigida.

Finalmente, alguns comentários sobre as qualidades exigidas da pessoa que deseja ser intérprete de conferências. Estas qualidades não se esgotam no conhecimento de línguas, embora isso seja obviamente indispensável.

Além do conhecimento de línguas, adquirido de preferência nos países onde são faladas, requer raciocínio rápido, intuição, capacidade de dedução, concentração, memória de curta e longa duração e cultura geral.

Cultura geral no sentido de conhecer história, geografia, atualidades, literatura mundial. Isto não é adquirido somente na escola. Deve fazer parte da pessoa, um hábito de longa data. O hábito de adquirir conhecimentos novos rapidamente e entender os fundamentos de um assunto, armazenando-o na "memória central" do "cérebro computador", para retirá-lo horas, semanas, meses ou anos depois, não é algo que possa ser rapidamente aprendido se não houver uma habilidade inata. É um costume

que vem desde cedo na vida. Vem da família que lê os jornais e discute assuntos gerais à mesa das refeições, incentiva o uso de dicionários e inciclopédias, enfim, interessa-se por tudo que vai pelo mundo.

#### Bibliografia:

- 1) Seleskovitch, D. L'Interprète dans les conférences internationales, Lettres Modernes, Minard, Paris, 1968.
- 2) \_\_\_\_\_ . Language, Langues et Mémoire, Lettres Modernes, Minard, Paris, 1975.
- 3) Herbert, J. Manuel de l'Interprète, Geneve, Georg, 1965.
- 4) Rozan, F. La Prise de notes en interpretation consécutive. Geneve, Georg, 1965.